



ANESTESIA DE CAMPO EM EQUINOS: VANTAGENS, LIMITAÇÕES E RISCOS NA PRÁTICA VETERINÁRIA

Giovanna Fernanda Arcoverde VILELA¹; Silvia Elaine Rodolfo de Sá LORENA²

1 – Estudante de Graduação do curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Agreste de Pernambuco.

2 – Docente do curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Agreste de Pernambuco.

giovanna.arcoverde@ufape.edu.br

RESUMO

A anestesia de campo em equinos é amplamente utilizada na medicina veterinária, especialmente em regiões com acesso limitado a centros cirúrgicos, sendo aplicada em procedimentos como castrações, suturas e intervenções de menor complexidade. Este trabalho teve como objetivo analisar, por meio de revisão bibliográfica, as principais vantagens, limitações e riscos dessa prática, destacando sua aplicabilidade e segurança clínica. A metodologia baseou-se na análise de artigos científicos e obras relevantes, priorizando estudos recentes sobre protocolos anestésicos, técnicas e complicações associadas. Os resultados indicam como principais vantagens a redução de custos, a dispensa de transporte do animal, com menor estresse, e a realização de procedimentos em estação, reduzindo riscos da anestesia geral. Contudo, observam-se limitações como ausência de monitoramento avançado, ambiente não controlado e dependência da experiência profissional. Entre os riscos, destacam-se quedas, analgesia insuficiente, contaminação e possíveis complicações cardiorrespiratórias. Conclui-se que, embora viável e necessária em muitos contextos, a anestesia de campo deve ser indicada com critério, considerando as condições do animal, do procedimento e da estrutura disponível, sendo essencial o planejamento adequado e o conhecimento técnico para garantir segurança e bem-estar.

Palavras-chave: Anestesia de campo; Anestesia veterinária; Equinos; Riscos anestésicos.

INTRODUÇÃO

A anestesia em equinos representa um dos maiores desafios dentro da anestesiologia veterinária, devido às particularidades fisiológicas da espécie, ao porte corporal elevado e à maior suscetibilidade a complicações durante os períodos transoperatório e, principalmente, na

recuperação anestésica. Diferentemente de pequenos animais, os equinos apresentam maior risco de eventos adversos, como hipotensão, hipoxemia, miopatias e neuropatias associadas ao decúbito prolongado, além de risco significativo de traumas durante a recuperação (Muir; Hubbell, 2009; Tranquilli; Thurmon; Grimm, 2015). Nesse contexto, a busca por alternativas seguras e viáveis à anestesia geral tem impulsionado o uso da anestesia de campo, especialmente em regiões onde o acesso a hospitais veterinários especializados é limitado.

A anestesia de campo em equinos caracteriza-se pela realização de procedimentos fora do ambiente hospitalar, geralmente em propriedades rurais, com infraestrutura reduzida e limitações quanto ao monitoramento anestésico avançado (Taylor; Clarke, 2007). Essa modalidade é amplamente empregada em procedimentos de baixa a média complexidade. Na maioria dos casos, opta-se por manter o animal em estação, utilizando sedação associada a bloqueios locorreionais, o que contribui para minimizar os riscos associados à indução e manutenção da anestesia geral (Doherty; Valverde, 2010).

O avanço no conhecimento farmacológico e nas técnicas anestésicas tem permitido maior segurança na realização de procedimentos em campo. Fármacos como agonistas alfa-2 adrenérgicos, incluindo xilazina, detomidina e romifidina, são amplamente utilizados devido à sua capacidade de promover sedação, analgesia e relaxamento muscular adequados para procedimentos em estação (Tranquilli; Thurmon; Grimm, 2015). Além disso, a associação com opioides e o uso de anestésicos locais, como a lidocaína, possibilitam a realização de bloqueios regionais eficazes, contribuindo para uma abordagem de analgesia multimodal (Valverde; Doherty, 2015).

Apesar das vantagens, a anestesia de campo apresenta limitações importantes. A ausência de equipamentos de monitoramento avançado, como capnografia, monitorização invasiva da pressão arterial e análise de gases sanguíneos, pode dificultar a detecção precoce de alterações fisiológicas (Hall; Clarke; Trim, 2014). Além disso, o ambiente não controlado, frequentemente sujeito a condições climáticas adversas, presença de poeira e risco de contaminação, representa um desafio adicional à assepsia e à segurança do procedimento.



Outro ponto crítico refere-se aos riscos inerentes à técnica. Mesmo em procedimentos realizados com o animal em estação, há possibilidade de quedas, movimentos bruscos e reações inesperadas, o que pode comprometer tanto a segurança do animal quanto da equipe. A analgesia inadequada, decorrente de falhas na técnica ou escolha incorreta do protocolo, pode levar ao aumento do estresse e da resposta nociceptiva. Além disso, complicações cardiorrespiratórias, embora menos frequentes do que na anestesia geral, ainda podem ocorrer, especialmente em animais debilitados ou submetidos a sedação profunda (Muir; Hubbell, 2009).

Diante desse cenário, torna-se fundamental a realização de uma avaliação pré-anestésica criteriosa, considerando o estado clínico do animal, o tipo de procedimento, o ambiente disponível e a experiência do profissional. A tomada de decisão quanto à realização da anestesia de campo deve ser baseada em critérios técnicos bem estabelecidos, priorizando sempre a segurança e o bem-estar animal (Doherty; Valverde, 2010). Ademais, o planejamento adequado, incluindo preparo de materiais, escolha correta dos fármacos e definição de estratégias para manejo de possíveis complicações, é essencial para o sucesso do procedimento.

Assim, considerando a ampla utilização da anestesia de campo na rotina da medicina veterinária e a necessidade de compreensão aprofundada de suas implicações, o presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre a anestesia de campo em equinos, abordando suas principais vantagens, limitações e riscos, bem como discutir sua aplicabilidade e segurança na prática clínica.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa e descritiva, com o objetivo de reunir, analisar e sintetizar informações relevantes acerca da anestesia de campo em equinos, com ênfase em suas vantagens, limitações e riscos na prática veterinária. Para a construção do referencial teórico, foi realizado um levantamento de literatura em bases de dados científicas nacionais e internacionais, incluindo Google Acadêmico, SciELO e PubMed, além da consulta a livros clássicos de anestesiologia veterinária amplamente reconhecidos na área.

A análise dos dados foi realizada de forma descritiva, buscando-se estabelecer uma síntese crítica das informações disponíveis na literatura, com ênfase na comparação entre diferentes protocolos anestésicos, técnicas utilizadas em campo e suas respectivas implicações clínicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura evidenciou que a anestesia de campo em equinos é uma prática amplamente difundida na medicina veterinária, especialmente em regiões com limitações estruturais, sendo considerada uma alternativa viável à anestesia geral realizada em ambiente hospitalar. Os estudos revisados demonstram que a utilização de sedação associada a bloqueios loco-regionais possibilita a realização segura de diversos procedimentos, principalmente aqueles de baixa a média complexidade, como castrações, suturas e intervenções superficiais (Doherty; Valverde, 2010; Taylor; Clarke, 2007).

Os resultados apontam que os protocolos mais empregados envolvem o uso de agonistas alfa-2 adrenérgicos, como xilazina e detomidina, frequentemente associados a opioides e anestésicos locais. Essa combinação proporciona sedação adequada, analgesia eficiente e relaxamento muscular, permitindo a execução de procedimentos com o animal em estação, o que reduz significativamente os riscos associados à anestesia geral, especialmente durante a recuperação (Tranquilli; Thurmon; Grimm, 2015). Nesse sentido, a analgesia multimodal destaca-se como estratégia fundamental para o controle da dor e redução da resposta ao estresse.

Entre as principais vantagens descritas na literatura, destaca-se a redução de custos operacionais, a eliminação da necessidade de transporte do animal e a diminuição do estresse relacionado ao deslocamento e à hospitalização. Além disso, a menor incidência de complicações associadas à recuperação anestésica representa um benefício relevante, uma vez que essa fase é considerada crítica em equinos (Muir; Hubbell, 2009).

Por outro lado, os estudos também evidenciam limitações importantes. A ausência de monitoramento anestésico avançado compromete a avaliação contínua de parâmetros fisiológicos essenciais, como pressão arterial e ventilação (Hall; Clarke; Trim, 2014). Além disso, o ambiente

não controlado pode interferir na assepsia e aumentar o risco de contaminação, especialmente em procedimentos cirúrgicos.

Em relação aos riscos, a literatura destaca a possibilidade de quedas e movimentos bruscos durante procedimentos realizados com o animal em estação, o que pode resultar em lesões e comprometer a segurança da equipe. A analgesia insuficiente, decorrente de falhas no protocolo anestésico, pode levar ao aumento da resposta nociceptiva e do estresse. Além disso, complicações cardiorrespiratórias, embora menos frequentes do que na anestesia geral, ainda representam um risco, especialmente em animais com alterações clínicas prévias (Muir; Hubbell, 2009).

A discussão dos estudos analisados demonstra que a segurança da anestesia de campo está diretamente relacionada à adequada seleção dos casos, ao planejamento do procedimento e à experiência do profissional. Procedimentos mais complexos ou que demandem maior controle anestésico devem ser realizados em ambiente hospitalar, onde há maior disponibilidade de recursos e monitoramento. Dessa forma, a anestesia de campo deve ser indicada de forma criteriosa, considerando sempre o equilíbrio entre benefícios, limitações e riscos, bem como o bem-estar animal e a segurança do procedimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A anestesia a campo em equinos representa uma alternativa amplamente utilizada na medicina veterinária, sobretudo em situações com limitações estruturais. Quando corretamente planejada, possibilita a realização segura de diferentes procedimentos, reduzindo custos, estresse animal e os riscos inerentes à anestesia geral, especialmente no período de recuperação.

Entretanto, essa modalidade apresenta limitações importantes, como ausência de monitoramento avançado, ambiente não controlado e maior possibilidade de intercorrências anestésicas. Dessa forma, sua indicação deve basear-se na avaliação clínica do paciente, na complexidade do procedimento e na experiência do médico-veterinário.



REFERÊNCIAS

DOHERTY, T. J.; VALVERDE, A. **Manual de anestesia e analgesia em equinos**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2010.

HALL, L. W.; CLARKE, K. W.; TRIM, C. M. **Veterinary anaesthesia**. 11. ed. Philadelphia: Elsevier Saunders, 2014.

MUIR, W. W.; HUBBELL, J. A. E. **Equine anesthesia: monitoring and emergency therapy**. 2. ed. St. Louis: Saunders Elsevier, 2009.

TAYLOR, P. M.; CLARKE, K. W. **Handbook of equine anesthesia**. 2. ed. Philadelphia: Saunders Elsevier, 2007.

TRANQUILLI, W. J.; THURMON, J. C.; GRIMM, K. A. **Lumb & Jones' veterinary anesthesia and analgesia**. 5. ed. Ames: Wiley-Blackwell, 2015.

VALVERDE, A.; DOHERTY, T. J. **Anestesia e analgesia em equinos**. In: